

**APONTAMENTOS SOBRE A EXTINÇÃO DOS  
JUMENTOS**

**NOTAS SOBRE LA EXTINCIÓN DE LOS BURROS**

**NOTES ON THE EXTINCTION OF  
DONKEYS**

**Enviado:** 15.11.2024

**Aceptado:** 24.11.2024

**Victor Alexandre Garcia**

Doutor em Filosofia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Brasil).

Email: [victorgarciapsi@gmail.com](mailto:victorgarciapsi@gmail.com)

## Apontamentos sobre a extinção dos jumentos

Victor Alexandre Garcia

A leitura de reportagens a respeito da ameaça de extinção que paira sobre os jumentos no Brasil e no mundo deu ensejo a um retorno aos textos do Conde de Buffon sobre os animais domésticos e, mais especificamente, ao seu verbete sobre os asnos. Buffon contrasta a imensa utilidade dos asnos para os homens, sua bondade inata, com os maus-tratos frequentes que os acompanham pela vida. Abordamos também o filósofo Jean-Jacques Rousseau, que aproveitou a leitura de Buffon para meditar sobre o tema da exploração pelo trabalho e da desigualdade entre os homens. Comentamos ainda o filme *Au Hasard Balthazar*, de Robert Bresson, onde encontramos trabalhado de forma artística o tema do maus-tratos aos jumentos e a associação rousseauniana entre exploração animal e exploração do homem pelo homem. Por fim, percorremos as matérias que tratam da extinção dos jumentos no Brasil e que nos dão um bom panorama da gravidade dessa triste situação.

**Palavras-chave:** asnos, Buffon, Rousseau, Bresson.

La lectura de informes sobre la amenaza de extinción que se cierne sobre los burros en Brasil y en todo el mundo dio lugar a un retorno a los textos del conde de Buffon sobre los animales domésticos y, más concretamente, a su entrada sobre los burros. Buffon contrasta la inmensa utilidad de los asnos para los hombres, su bondad innata, con los frecuentes malos tratos que los acompañan a lo largo de la vida. También nos acercamos al filósofo Jean-Jacques Rousseau, quien aprovechó la lectura de Buffon para meditar sobre el tema de la explotación a través del trabajo y la desigualdad entre los hombres. También comentamos la película *Au Hasard Balthazar*, de Robert Bresson, donde encontramos trabajado de forma artística el tema del maltrato a los burros y la asociación rousseauniana entre explotación animal y explotación del hombre por el hombre. Finalmente, nos fijamos en los artículos que tratan sobre la extinción de los burros en Brasil y que nos dan una buena visión de la gravedad de esta triste situación.

**Palabras clave:** asnos, Buffon, Rousseau, Bresson.

Reading reports about the threat of extinction that looms over donkeys in Brazil and around the world led us to return to the writings of Count Buffon on domestic animals and, more specifically, to his entry on donkeys. Buffon contrasts the immense usefulness of donkeys to humans, their innate goodness, with the frequent mistreatment that accompanies them throughout their lives. We also discussed the philosopher Jean-Jacques Rousseau, who took advantage of Buffon's reading to reflect on the theme of exploitation through labor and inequality among men. We also commented on the film *Au Hasard Balthazar*, by Robert Bresson, where we find an artistic approach to the theme of mistreatment

of donkeys and Rousseau's association between animal exploitation and exploitation of man by man. Finally, we looked at the articles that deal with the extinction of donkeys in Brazil and that give us a good overview of the gravity of this sad situation.

**Keywords:** donkeys, Buffon, Rousseau, Bresson.

## I.

Georges-Louis Leclerc, o conde de Buffon, foi um importante naturalista do século XVIII, referência incontornável em seu tempo pelos vários volumes de sua *História Natural*. Cem anos antes de Darwin, esse autor já compreendia a natureza como um processo conflituoso, uma verdadeira guerra entre os animais no interior da qual o ser humano teria saído temporariamente vencedor. Sua *História natural dos quadrúpedes* divide esses animais em domésticos, selvagens e predadores. Isso porque, ao deixar para trás o "estado de natureza", o homem teria estabelecido uma hierarquia, dividindo as espécies entre aquelas que se moldaram ao seu domínio (os animais domésticos) e aquelas que dele conseguiram resistir ou escapar (os animais selvagens)<sup>1</sup>.

Em Buffon, o homem é por excelência um animal da técnica. O texto *Das épocas da Natureza*, que classifica seu próprio tempo como a sétima e última das épocas, não esconde que o naturalista vê no aparecimento do homem um fato decisivo. Já em seu título, lemos: "Sétima época: quando a potência do homem vem acrescentar-se à da Natureza" (Buffon, 2020b, p. 122). Ao percorrermos essa história conjectural, aprendemos que desde os primeiros momentos de seu surgimento o homem produz ferramentas que transformam a face da terra a seu favor, e que, passado algum tempo, ele se tornará uma verdadeira potência, capaz de somar-se à potência da própria natureza. Deste modo, não encontramos na obra de Buffon a famigerada divisão entre natureza e cultura, tida como marca distintiva da filosofia moderna. Para esse naturalista, a natureza foi desde o início transformada pela atividade espontânea, não-refletida, do homem. A dominação dos animais não tem fim. Ela é constantemente renovada pela civilização, seja pelo extermínio de espécies, seja por meio de práticas como a caça e a alimentação, seja pelo uso de animais para o trabalho, para o divertimento ou para o luxo.

---

<sup>1</sup> Sigo aqui o esforço de síntese contido na *Apresentação* da tradução brasileira da *História Natural* de Buffon, redigido por Isabel Coelho Fragelli, Pedro Paulo Pimenta e Ana Carolina Soliva (2020).

A questão, para Buffon, é que nada garante que a desnaturação técnica da natureza, possibilitada pelo entendimento<sup>2</sup>, não produza deformações. A natureza buffoniana (neste caso, contrariamente a Darwin) é fixa, havendo apenas a possibilidade dos seres degenerarem pela diferença entre os climas, e, sobretudo, por consequência da arte humana. Assim, Buffon compreendia a domesticação dos animais como equivalente a um processo político de escravização: “um animal doméstico é um escravo, com o qual o homem se diverte, do qual ele usa e abusa, que ele adultera, expatria e desnatura” (Buffon, 2020a, p. 515). Ao serem domesticados, os animais perderiam suas características mais nobres e mais distintas, e até mesmo o amor pela liberdade. O que antes era um ser ativo e livre dá lugar a um ser dócil e servil, capaz de trabalhar mesmo constantemente humilhado e maltratado.

A situação dos animais que escapam da escravidão (isto é, dos animais selvagens), no entanto, não é muito melhor. Eles foram eliminados da face terrestre ou reduzidos a pequenas populações. Como escreve Buffon, o homem “fez recuar pouco a pouco os animais ferozes, purgou a Terra desses animais gigantescos, dos quais ainda encontramos as enormes ossadas; destruiu ou reduziu as espécies vorazes e nocivas a um pequeno número de indivíduos” (Buffon, 2020a, p. 518). Ainda segundo o autor:

Nos países em que os homens se disseminaram, o terror parece viver com eles, a sociedade entre eles desaparece, a indústria cessa, a arte é sufocada. Não pensam em construir, negligenciam toda comodidade e, pressionados pelo temor e pela necessidade, tentam apenas sobreviver, fugir e se esconder. Se, como parece ser o caso, a espécie humana continuar, na sucessão do tempo, a ocupar por igual a superfície da Terra, em poucos anos a história de nossos castores será considerada uma fábula. Portanto, pode-se afirmar que os animais, longe de expandir, contraem, ao contrário, suas faculdades e talentos. O tempo trabalha contra eles: quanto mais a espécie humana se multiplica, mais eles sentem o peso de um império terrível e absoluto, que mal lhes permite uma existência individual, privados de todos os meios para ser livres e de toda ideia de sociedade, e destrói, na raiz, sua inteligência. O que eles se tornaram e irão se tornar não indica o que um dia foram nem o que poderiam ser. Quem sabe, se um dia a espécie humana fosse extinta, qual deles empunharia o cetro da Terra? (Buffon, 2020a, p. 649)

---

<sup>2</sup> “Deus, única fonte de toda luz e inteligência, rege o Universo e as espécies inteiras com uma potência infinita. O homem, que não tem mais do que um raio dessa inteligência, tem apenas uma potência limitada a pequenas porções da matéria, e não é mestre senão dos indivíduos. Portanto, é pelos talentos do espírito, e não pela força e por outras qualidades da matéria, que o homem soube subjugar os animais” (Buffon, 2020a, p. 517).

Para os leitores do século XXI, Buffon é um autor especialmente inquietante, pois parece antecipar o advento de um domínio desenfreado e suas consequências para os animais. Hoje sabemos que os homens de fato vêm trabalhando há milhares de anos no sentido de domesticar os animais e reduzir os perigos da natureza selvagem e indomada da Terra. Nossa espécie desbravou florestas primitivas, criou cultivos, exterminou os animais gigantes da megafauna<sup>3</sup> e reduziu drasticamente diversas populações que nos eram hostis. A natureza, que hoje muitos acham bela, foi aos poucos domesticada e pacificada pelo homem. As feras foram relegadas ao jardim zoológico e não existem mais grandes populações de mamíferos no mundo — com exceção daquelas que nos servem de alimento. A humanidade continua, como outrora, a reiterar seu domínio sobre o mundo natural, mas, agora, devido ao avanço técnico-industrial, as consequências são bem mais graves: sua profusão e seu domínio somados converteram-se na destruição acelerada de ecossistemas inteiros.

## II.

Buffon dedicou um belo verbete aos asnos em sua *História natural dos quadrúpedes*. Após descrever suas características físicas e comportamentais, em conformidade com os padrões científicos da época, Buffon meditou sobre o papel que este animal desempenha na sociedade humana. Para o naturalista, o asno figura como um dos animais mais úteis ao homem: o leite é remédio para alguns males; a pele é empregada para a confecção de crivos, tambores, sapatos e cadernos; os ossos podem ser usados na confecção de flautas; é possível montá-lo e seu andamento é sempre suave; além disso, o asno é o animal que consegue carregar o maior peso relativamente ao seu volume. E tudo isso sem requerer muita alimentação.<sup>4</sup>

Apesar de sua utilidade, Buffon enfatiza que o asno é frequentemente maltratado, subestimado e usado até a exaustão por donos que não dispensam a eles grandes cuidados. Buffon observou que a grande sina do asno deriva de sua semelhança com o cavalo. A comparação faz com que se considere o asno uma versão degenerada e inferior do cavalo, posto que desprovido da elegância, do tamanho e da nobreza deste último:

Por que, pois, tanto desprezo por esse animal tão bom, tão paciente, tão sóbrio, tão útil? Por que os homens menosprezariam nos animais até esses que lhes servem muito bem e são tão pouco dispendiosos? Ao cavalo é dada educação, é tratado, instruído, exercitado, ao passo que o asno, abandonado à rusticidade do último dos criados, ou à malícia das crianças, bem longe de melhorar, não pode

---

<sup>3</sup> Cf. Edmeades, 2021; Kolbert, 2015.

<sup>4</sup> Cf. Buffon, 2020a, p. 588-589.

## Apontamentos sobre a extinção dos jumentos

Victor Alexandre Garcia

senão piorar por sua educação. E se não tivesse grandes fundos de boa qualidade, de fato o perderia pela maneira com que é tratado: é brinquedo, objeto de troca, mula de carga dos rústicos que o conduzem com a vara na mão, golpeando-o, sobrecarregando-o, sem cuidado, sem consideração. Não se presta atenção para o fato de que o asno seria, por si só e para nós, o primeiro, o mais belo, o mais bem-feito, o mais distinto dos animais, se no mundo não houvesse o cavalo. É o segundo, em vez de ser o primeiro, e só por isso nos parece não ser mais nada. A comparação é o que o degrada: é visto, julgado, não por ele mesmo, mas relativamente ao cavalo (Buffon, 2020a, p. 581-582)

O cavalo é *grande*; o asno é *pequeno*; o cavalo é *belo*; o asno é *feio*; o cavalo é *nobre*, o asno é *humilde*; o cavalo representa a *independência* e a *liberdade*, o asno representa a *servidão* e o *trabalho*; montar num cavalo é sinal de *autoridade*, ao passo que montar em um jumento rebaixa o *status* do cavaleiro, sendo considerado *humilhante*. Trata-se de um imaginário que perdura desde a Antiguidade greco-romana<sup>5</sup>; e a consequência, para o asno, dessa perpétua comparação é ter de sofrer com uma crueldade redobrada.

Buffon considerava essas comparações injustas e desprovidas de sentido, já que o asno não seria um cavalo degenerado, mas sim um animal pertencente a uma outra espécie<sup>6</sup>. Ele reconheceu no asno sua capacidade de suportar corajosamente grandes fardos; destacou a humildade, a gentileza, a paciência e a resiliência como sendo as qualidades inatas do asno<sup>7</sup>. Mas um segundo elemento se insinua no texto de Buffon, nos levando a refletir. Tudo se passa como se fosse justamente *por causa* da humildade e da paciência dos asnos que os homens os

---

<sup>5</sup> Segundo Bough (2011), o animal chegou a ser adorado no Egito Antigo, mas esse status elevado não sobreviveu à Grécia e Roma Antigas.

<sup>6</sup> Eis o raciocínio de Buffon para sustentar seu argumento: “Pois se alguma espécie fosse produzida pela degeneração de outra, se a espécie do asno viesse da espécie do cavalo, isso não poderia ser feito senão sucessivamente e por nuances. Teria havido entre o cavalo e o asno grande número de animais intermediários, cujos primeiros seriam pouco a pouco distanciados da natureza do cavalo, e os últimos seriam pouco a pouco aproximados à do asno. E por que não veremos hoje os representantes, os descendentes dessas espécies intermediárias? Por que permaneceram apenas os dos dois extremos? O asno é, assim, um asno, e não um cavalo degenerado” (Buffon, 2020a, p. 581).

<sup>7</sup> “Por sua natureza, é humilde, paciente, tranquilo quanto o cavalo é altivo, vivo, impetuoso. Sofre constantemente e, talvez, com coragem, os castigos e golpes; é sóbrio quanto à quantidade e a qualidade de sua alimentação: contenta-se com as ervas mais duras, mais desagradáveis, que seriam deixadas e desdenhadas pelo cavalo e outros animais; é muito delicado quanto à água (...). Na primeira juventude, o asno é alegre, bem como muito bonito; é ligeiro e gentil, mas logo perde essas qualidades, seja pela idade, seja pelos maus-tratos, e torna-se lento, indócil e teimoso” (Buffon, 2020a, p. 582).

## Apontamentos sobre a extinção dos jumentos

Victor Alexandre Garcia

maltratam. A pura passividade parece capaz de provocar uma reação desproporcional e dar lugar a uma espécie de maldade suplementar, como se houvesse um chamado à crueldade e à impiedade sem freios onde não há barreiras e nem resistências.

Um dos mais importantes leitores do naturalista foi o filósofo e escritor Jean-Jacques Rousseau, seu contemporâneo. No interior do pensamento rousseauiano, comparar é a qualidade distintiva do julgamento. Isso faz com que todo julgamento seja uma forma de decompor a realidade, estabelecendo um sistema binário de oposições:

Essa adequação reiterada de organismos estranhos a si mesmo, e de uns aos outros, teve naturalmente de engendrar no espírito do homem as percepções de certas relações. As relações que exprimimos pelas palavras *grande, pequeno, forte, fraco, rápido, lento, medroso, ousado*, e outras ideias semelhantes, comparações surgidas da necessidade, e que produziram quase espontaneamente no homem alguma reflexão (Rousseau, 2020, p. 208)

Ninguém percebeu melhor do que Lévi-Strauss o modo como Rousseau estabeleceu o processo distinção dos seres naturais como “suporte conceitual da diferenciação social”<sup>8</sup>. A consequência deste processo está descrita na famosa cena dos selvagens reunidos em volta da fogueira, dançando e cantando, presente no *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Nesta reconstrução histórica hipotética e ficcional, lemos que em dado momento os homens começaram a se olhar e a se comparar. Comparando-se, perceberam que uns eram mais belos, outros mais rápidos, outros mais fortes, outros mais ágeis etc. Brotou então o desejo de distinção social<sup>9</sup>, e, dele, a inveja, a rivalidade, a agressividade, a vontade de dominar.

Poderíamos concluir de tudo isso que o cavalo, então, gozaria de boa situação entre os homens. No entanto, no verbete dedicado ao cavalo, descobrimos que a condição deles é também bastante cruel e precária:

---

<sup>8</sup> Lévi-Strauss, 1975, p. 105. Um pouco antes, lemos: “Rousseau vê na apreensão que o homem tem da estrutura “específica” do mundo animal e vegetal a fonte das primeiras operações lógicas, e, subsequentemente, a de uma diferenciação social que só pode ser vivida por ter sido concebida” (p. 103).

<sup>9</sup> Em Rousseau, o gozo da distinção tem sempre o mesmo sentido, estabelecido desde o segundo Discurso: “se encontramos uns poucos poderosos e ricos no auge da grandeza e da fortuna, enquanto a multidão rasteja na obscuridade e na miséria, é porque os primeiros só valorizam as coisas de que desfrutam na medida em que os demais delas são privados e, sem mudar de condição, deixariam de ser felizes se o povo deixasse de ser miserável” (Rousseau, 2020, p. 239).

## Apontamentos sobre a extinção dos jumentos

Victor Alexandre Garcia

A escravidão ou domesticidade desses animais é também tão universal e tão antiga que não os vemos senão raramente em seu estado natural. Em seus trabalhos estão sempre cobertos de arreios; jamais estão soltos de suas ataduras, mesmo nos momentos de repouso, e se alguma vez são deixados a errar nos pastos em liberdade, carregam sempre os sinais da servidão e, muitas vezes, as marcas cruéis do trabalho e da dor. A boca está deformada pelos vincos produzidos pelos freios, os flancos estão enfraquecidos pelas feridas ou sulcados com cicatrizes feitas pela espora; o casco é atravessado por cravos, a postura do corpo é ainda estorvada pela impressão subsistente das travas habituais, das quais seriam soltos em vão, pois dela não estariam mais livres. Mesmo esses cuja escravidão é a mais suave, que são alimentados e mantidos apenas para o luxo e a pompa, e cujas correntes douradas servem menos para seu adorno do que para a vaidade de seu mestre, são ainda mais aviltados pela elegância de seu topete, pelas tranças de suas crinas, pelo ouro e pela seda com que são cobertos, do que pelos ferros que estão em suas patas (Buffon, 2020a, p. 519)

Como vemos, Buffon destaca as marcas de uma servidão que incidem diretamente no corpo do animal – nos instrumentos que os prendem, nos vincos, nas cicatrizes e nas deformações que carregam. Há também a dominação simbólica, pois o cavalo não é apenas subjugado para trabalhar; ele é igualmente destinado a uma “escravidão suave” no interior da qual é adorado por sua aparência. Os adornos, as tranças na crina, que à primeira vista poderiam ser compreendidos como expressão de cuidado e apreço, tornam-se, sob o escrutínio de Buffon, símbolos de uma dominação que se dá pela humilhação e pela subordinação do animal à vaidade humana.

Segundo Starobinski (2011), Rousseau coloca em um mesmo plano a domesticação do homem pelo homem e a transformação a que o homem submete plantas e animais. De fato, no segundo *Discurso* o filósofo não hesita em comparar a situação do cavalo doméstico com a situação histórica do homem: ambos se acostumaram com seus grilhões e com as esporas de seus senhores e já não conseguem mais reencontrar o gosto pela liberdade<sup>10</sup>. Tal como no cavalo

---

<sup>10</sup> “O cavalo, o gato, o touro, o próprio asno têm, em sua maioria, uma estatura maior, uma constituição mais robusta, mais vigor, força e coragem nas florestas do que em nossas casas. Perdem a metade dessas vantagens tornando-se domésticos, e poder-se-ia dizer que todos os nossos cuidados em tratar bem e alimentar esses animais resultam na degeneração deles. O mesmo vale para o próprio homem: fazendo-se sociável e escravo, torna-se fraco, medroso, servil, e seu modo de vida, frouxo e efeminado, termina por minar a um só tempo sua força e sua coragem” (Rousseau, 2020, p. 179). Ou ainda: “Como um corcel indômito que eriça a crina, escarva o chão e se debate impetuosamente à simples aproximação do freio, enquanto um cavalo domado suporta pacientemente o chicote e a espora, o homem bárbaro não abaixa a cabeça ao

## Apontamentos sobre a extinção dos jumentos

Victor Alexandre Garcia

doméstico de Buffon, tratar-se-ia também para o homem de um caminho sem volta<sup>11</sup>. Vale lembrar, o *Emílio* inicia-se com a famosa passagem acerca da capacidade humana de desnaturação e a possibilidade sempre presente de sua arte produzir monstruosidades:

Tudo está bem ao sair das mãos do autor das coisas, tudo degenera nas mãos dos homens. Ele força uma terra a sustentar as produções de outra, uma árvore a carregar os frutos de outra. Mistura e confunde os climas, os elementos, as estações. Mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo. Bagunça tudo, desfigura tudo, ama a deformidade, os monstros (Rousseau, 2022, p. 7).

A grande diferença entre Buffon e Rousseau é que não encontramos no primeiro o pessimismo histórico do segundo<sup>12</sup>. Para Rousseau, “a reflexão é um poder ambíguo que aperfeiçoa o homem alienando-o” (Starobinski, 2011, p. 446), ao passo que, para Buffon, “o conhecimento racional, as técnicas que dele decorrem, educam e corrigem a natureza para o bem da humanidade, permitindo assim ao homem aperfeiçoar-se” (Starobinski, 2011, p. 441). No fim, o naturalista, mesmo acreditando na importância de tratarmos bem nossos escravos, não pode senão conceber a domesticação das espécies como sendo um processo legítimo, sinal da inteligência divina em nós e consequência natural da superioridade do espírito sobre a matéria. Em Rousseau, a concepção de uma arte que produz monstruosidades vem alinhar-se perfeitamente bem com a visão de que o homem “escraviza tanto os homens quanto a natureza por motivos de ganância e vaidade” (Cook, 2002, p. 182).

### III.

*Au hasard Balthazar* (1966), dirigido por Robert Bresson, é considerado uma das obras-primas do cinema mundial. O filme desenrola-se na zona rural francesa, onde três crianças adotam um burro recém-nascido e batizam-no de Balthazar. Uma das crianças é Marie (Anne Wiazemsky), vizinha de Jacques (Walter Green), seu namorado de infância. Assim que os jovens terminam um beijo de despedida, o filme corta para uma cena em que Balthazar é chicoteado por lavradores que já

---

jugo que o homem civilizado carrega sem se lamentar, e à sujeição tranquila prefere a mais tempestuosa liberdade” (Rousseau, 2020, p. 228).

<sup>11</sup> “Uma vez acostumados a ter senhores, os povos não conseguem mais viver sem eles” (Rousseau, 2020, p. 150).

<sup>12</sup> “O quadro da infelicidade do homem civilizado que encontramos no *Discurso sobre a natureza dos animais* está pouco de acordo com a alegre satisfação que Buffon, no resto de sua obra, manifesta todas as vezes em que evoca a dominação do homem sobre a natureza; esse atestado de nossas misérias ilustra melhor o pessimismo histórico de Rousseau que o otimismo racionalista de Buffon” (Starobinski, 2011, p. 446).

## Apontamentos sobre a extinção dos jumentos

Victor Alexandre Garcia

não o tratam com a mesma ternura das crianças. Essa violência representa o fim dos anos dourados da infância e o começo das penúrias da vida adulta, marcada pela exploração de sua força de trabalho como animal de carga e de transporte, pelas chicotadas frequentes, pela humilhação circense e pela crueldade gratuita de que será vítima.

Ao longo do filme, Marie também se verá alvo da crueldade e da indiferença. Ela será perseguida por Gérard (François Lafarge) e terminará num relacionamento abusivo com o rapaz. Posteriormente, Gérard e sua gangue abusarão dela. Gérard será também um dos donos do jumento; ele o utilizará como animal de carga e abusará dele para fazê-lo mover-se. Em dado momento, o jovem amarra um jornal na cauda de Balthazar e toca fogo no papel, fazendo-o correr pela estrada. A analogia entre a situação de Marie e Balthazar é evidente, culminando em torno daquilo que Marie exprime ao final do filme a sua antiga paixão de infância, Jacques, em uma de suas réplicas mais cruas e desesperançosas:

Oh, Jacques, como sonhei com você, com um garoto como você (...). Você vê a alameda, o banco, nossos nomes talhados no banco, nossas brincadeiras com Balthazar. Mas eu, Jacques, não vejo nada. Não tenho mais ternura, nem coração. Sou insensível. O que você me diz são apenas palavras. Elas não me afetam mais. Nossos votos de amor, as promessas de infância que fizemos, estavam em um mundo imaginário, não na realidade. A realidade é outra coisa”<sup>13</sup>.

Balthazar morre ao acaso e em completa solidão, após ser roubado e depois acidentalmente atingido por um tiro que não lhe era destinado. Liberta-se, assim, da absurda sociedade dos homens. Apenas Marie demonstrava compaixão por Balthazar, mas suas carícias eram pouco no grande esquema das coisas. Ao longo do filme, o jumento testemunha a brutalidade e a indiferença humanas, sofre abusos e maus-tratos sem jamais perder sua dignidade. Seu olhar traz sempre o mesmo misto de compaixão, incompreensão e resignação. É digno de nota que em nenhum momento Bresson antropomorfiza Balthazar, de modo que a crueldade humana contrasta o tempo inteiro com a nobreza silenciosa do burro. Trata-se, sem dúvida, da realização, por Bresson, de seu grande ideal expressivo:

---

<sup>13</sup> Tradução livre do trecho que começa por volta do minuto 78: « Ô Jacques, combien de fois j' ai rêvé de toi, d' un garçon comme toi (...). Toi tu vois l'allée, le banc, nos deux noms sur ce banc, nos jeux avec Balthazar. Mais moi Jacques, je ne vois rien. Je n'ai plus de tendresse, plus de cœur. Je suis insensible. Ce que tu me dis, ce sont des mots. Ils ne me touchent plus. Nos serments d'amour, les promesses enfantines que nous nous étions faites, c' est dans un monde imaginaire. Pas dans la réalité. La réalité c'est autre chose ». (Bresson, 1966).

## Apontamentos sobre a extinção dos jumentos

Victor Alexandre Garcia

o da economia dos meios como modo de obter o máximo da expressividade e da emoção. Em suas palavras: "tenha certeza de ter esgotado tudo que se comunica pela imobilidade e pelo silêncio" (Bresson, 2005, p. 29).

A exposição do mal e do sofrimento torna-se suportável para nós por conta do minimalismo bressoniano. Ao evitar deliberadamente a teatralidade e os artifícios, ao aderir à materialidade do mundo real, aos detalhes e aos pequenos gestos, o filme opta pela concretude. Esta, porém, não elimina o aspecto espiritual: as grandes questões da experiência humana emergem da simplicidade das imagens, de seu caráter banal e cotidiano. É justamente pelo concreto que essas grandes questões tornam-se para nós mais palpáveis e mais acessíveis. Mais incômodas, também, pois o que a concretude nos revela é sobretudo o caráter não-abstrato do mal.

O filme apresenta poucos diálogos, atuações não profissionais e um discreto trabalho de câmera que tornam seu enredo secundário e mesmo de difícil compreensão. É que o cinema bressoniano desconfia da análise psicológica. Segundo Sontag (1966), o diretor "não pretende que seus personagens sejam implausíveis; o que pretende, de fato, é que sejam opacos" (p. 188). Isso porque a psicologia é incapaz de explicar a contento "por que as pessoas se comportam como se comportam" (p. 188). O resultado é que o espectador chega ao final da película entendendo tão pouco as motivações e os acontecimentos quanto o jumento protagonista. Ambos se encontram num mundo desprovido de lógica, unicamente entregue ao sabor das paixões humanas.

Trechos de uma única música percorrem o filme por inteiro: o segundo movimento da Sonata para Piano em Lá Maior (D. 959) de Franz Schubert. Certamente não é coincidência que na vida deste compositor encontremos o mesmo contraste entre o aconchego da infância e os sofrimentos da vida adulta. Apesar do talento, Schubert viveu sua curtíssima vida em relativa obscuridade, sem dinheiro, sem saúde, sem conseguir casar-se, e sem casa própria onde morar. Em carta ao amigo Leopold Kupelwieser, de 31/03/1824, escreveu:

Certamente aquele tempo abençoado, quando tudo aparecia para nós numa auréola de glória juvenil, está acabado, e temos de enfrentar em vez disso os fatos amargos da existência, que eu tento embelezar, entretanto, o quanto possível, com minha própria imaginação (Schubert, 2024, p. 33).

Compreender essa peça de Schubert é equivalente a compreender o filme, já que som e imagem traduzem-se um no outro. O *Andantino* foi composto em Fá Sustenido Menor, na forma ABA. A *seção A* traz uma melodia calma e triste,

## Apontamentos sobre a extinção dos jumentos

Victor Alexandre Garcia

construída sobre um motivo descendente, que nos evoca uma marcha melancólica. Trechos dessa seção aparecem especialmente nos momentos em que Balthazar caminha, carregando o peso dos humanos ou de suas tralhas. A *seção B*, por sua vez, muda drasticamente o clima sonoro. A marcha melancólica dá lugar a uma seção violenta, com forte uso da dissonância e do cromatismo, marcada por tercinas, acordes e escalas que sobem e descem de forma frenética por quase toda a extensão do piano. A progressão desta seção nos conduz de uma leve sensação de inquietude com o desconhecido ao puro e simples caos, culminando em acordes *fortísimos* na tonalidade de Dó Sustenido Menor. O começo dela é apresentado logo na abertura do filme, misturada aos zurros de Balthazar. Ela retornará sempre que o jumento se vir diante do absurdo de sua experiência no mundo. Finalmente, após a desordem tumultuosa da seção central, uma transição resignada nos conduz novamente ao tema inicial, mas com ligeiras variações, como se ele tivesse sido transformado pela turbulência anterior. A melancolia é ainda mais acentuada, e a música desvanece de maneira suave e reflexiva.

Em sua crueza desconcertante, Bresson de fato nos apresenta, como disse Jean-Luc Godard, a história do mundo em uma hora e meia. Vista através do olhar de um jumento, essa história evoca a “vergonha de ser homem” de que nos fala Primo Levi, retomado por Deleuze (2004). Primo Levi sentiu vergonha não apenas pela barbárie que presenciou, mas por pertencer à mesma espécie que foi capaz de produzi-la. Não há como escapar dessa vergonha, sinal de solidariedade com um estado de coisas, e que aumenta a cada dia sem que possamos remediá-la e sem que vejamos solução.

Podemos, ao menos, ensaiar uma *história natural da vergonha de ser homem*, isto é, descrever da forma mais completa possível tudo que a compõe: vergonha por nossa capacidade ilimitada de causar desastres e sofrimentos, vergonha por termos exterminado tantas e tantas espécies; vergonha por continuarmos exterminando tantas e tantas espécies; vergonha pelo tamanho de nosso lixo, que agora já atingiu até mesmo a órbita do planeta; vergonha por termos degradado este mundo; etc. etc.

## IV.

Uma matéria do G1, de 26/08/2023, nos informa sobre a queda acentuada da população de jumentos no Brasil. Entre 2017 e 2022, a quantidade de asininos (jumentos, jegues, burros e asnos) no país diminuiu 62%, conforme dados do IBGE e do Ministério da Agricultura. Em 1960, havia cerca de 1,2 milhão de asininos em nosso país, número que caiu para 376 mil, em 2017, e continua a

## Apontamentos sobre a extinção dos jumentos

Victor Alexandre Garcia

diminuir. Especialistas ouvidos pelo G1 alertavam para o risco de extinção caso o ritmo de abate persistisse, e ativistas denunciavam irregularidades no transporte e tratamento desses animais. Ao nos fiarmos nas palavras do veterinário entrevistado pelo G1, percebemos que a comparação com o cavalo persiste:

“Muitas vezes o próprio nordestino, as próprias pessoas têm preconceito com o jumento nordestino por conta da aparência. Porque não foi um animal moldado para ser exibido, para ser mostrado ao público como sinônimo de poder, de riqueza, como os cavalos foram”, avalia o veterinário<sup>14</sup>.

Como a maior parte dos abates é feito de maneira ilegal, os dados não são muito precisos. É o que nos explicam os especialistas da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ) da USP<sup>15</sup>, que afirmam que o abate dos jumentos aumentou mais de 8.000% entre 2015 e 2019. Uma matéria mais recente, do jornal Carta Capital, datada 02/05/2024, traz números ainda mais alarmantes: segundo dados do IBGE e da Coordenação de Boas Práticas Agropecuárias da Secretaria de Defesa e Inspeção Agropecuária do Ministério da Agricultura, o Brasil já abateu 85% da sua população de jumentos, chegando a apenas 145 mil indivíduos na época da reportagem<sup>16</sup>. Mas esse número pode ser ainda menor.

Uma matéria mais antiga, também do jornal Carta Capital, de 04/04/2012, já abordava a “questão asinina” no nordeste brasileiro<sup>17</sup>. O jumento, companheiro resiliente do nordestino, suportava as condições áridas da região e por várias décadas foi o principal meio de transporte de cargas e de pessoas. No entanto, com o avanço das motocicletas, financiadas em suaves prestações e mais adequadas às demandas modernas, perdeu sua função econômica e seu espaço social. A reportagem explica que esses animais são agora vendidos em feiras a preços irrisórios para serem sacrificados, ou são simplesmente abandonados em terras que já não os valorizam. Em suma, o jumento tornou-se obsoleto.

Largados à própria sorte pelas estradas nordestinas, esses animais são alvos fáceis de apreensão para abate. Em uma reportagem do SBT News, de 22/08/2024, descobrimos que eles são frequentemente capturados nas estradas por caminhões que percorrem as vias com esse objetivo. Como não existem criadouros

---

<sup>14</sup><https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2023/08/26/brasil-abate-mais-de-60percent-da-populacao-de-jumentos-em-6-anos-para-exportar-pele-para-china.ghtml>

<sup>15</sup><https://jornal.usp.br/ciencias/abate-de-jumentos-para-exportacao-cresce-8-000-e-ameaca-a-especie-no-brasil/>

<sup>16</sup> <https://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/de-quem-e-esse-jegue/>

<sup>17</sup> <https://www.cartacapital.com.br/cultura/questoes-asininas/>

## Apontamentos sobre a extinção dos jumentos

Victor Alexandre Garcia

específicos e o interesse é apenas pela pele dos animais, os captadores desconsideram o estado e a saúde dos jumentos. Eles são misturados e transportados em condições inadequadas, independentemente de estarem doentes ou saudáveis, o que ainda traz o risco de propagação de doenças. A reportagem revela ainda que a Bahia é o estado com o maior número de abates<sup>18</sup>.

Segundo as várias reportagens sobre o tema, a principal causa do declínio dos jumentos é a exportação de peles destinadas à produção de ejiao, produto típico da medicina tradicional chinesa. A reportagem do SBT News supracitada afirma que o ano de 2016 foi um verdadeiro marco na vida dos jumentos “quando, principalmente a China, seguida por Hong Kong e o Vietnã expandiram a demanda de produtos antes acessíveis somente à elite”<sup>19</sup>. O comércio de ejiao movimentou um mercado bilionário e, com o aumento da demanda, a China vem buscando peles em diversos países, colocando em risco espécies de asininos globalmente.

A BBC News Brasil nos explica muito sobre o ejiao<sup>20</sup>. Seu processo de produção envolve ferver a pele do animal para a extração de uma gelatina, que é então transformada em pó, pílulas ou líquido. Para a medicina chinesa, o ejiao fortalece o sistema imunológico, melhora a circulação sanguínea e trata condições de deficiência de sangue, como a anemia. Também é utilizado para regular a menstruação e tratar problemas relacionados ao ciclo menstrual, além de ser recomendado para pessoas que sofrem de fraqueza, fadiga e sangramentos excessivos. Acredita-se ainda que o ejiao ajuda a aumentar a vitalidade, a longevidade e até mesmo o desempenho sexual. Embora o produto seja amplamente utilizado na China por suas propriedades terapêuticas, as reportagens enfatizam que não há comprovação científica na medicina moderna sobre a eficácia em tratar qualquer uma dessas condições<sup>21</sup>.

Uma reportagem do Globo, de 25/07/2024, conta a história de Márcia Freitas, fundadora do abrigo Menino Vaqueiro, nos arredores de Fortaleza, onde cuida de 68 jumentos resgatados de abandono e maus-tratos. O abrigo de Márcia, fundado há 14 anos, sobrevive apenas de doações e sofre com dificuldades

---

<sup>18</sup> <https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/brasil/jumentos-em-risco-de-extincao-abates-crescem-mais-de-35-vezes-em-7-anos-saiba-o-porque>

<sup>19</sup> <https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/brasil/jumentos-em-risco-de-extincao-abates-crescem-mais-de-35-vezes-em-7-anos-saiba-o-porque>

<sup>20</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy6ew9x14ego>

<sup>21</sup> <https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/brasil/jumentos-em-risco-de-extincao-abates-crescem-mais-de-35-vezes-em-7-anos-saiba-o-porque>

## Apontamentos sobre a extinção dos jumentos

Victor Alexandre Garcia

financeiras, além das tentativas de roubo dos animais. Mesmo diante desses desafios, ela se dedica exclusivamente aos jumentos e lamenta a crueldade do abate. Márcia considera os jumentos os mais doces e os mais carinhos dos animais: “se eu pudesse, teria aqui uns 300 a 400 jumentos. É uma das maiores tristezas saber que eles estão sendo abatidos. Tudo o que faço é com muito amor. Os animais mais doces e carinhosos que você pode imaginar são os jumentos”<sup>22</sup>. Ela é conhecida na região como “a louca dos jumentos”.

### V.

“Jumento”, “burro”, “asno” são termos usados em várias línguas para qualificar a estupidez, a incompetência e a obstinação no erro. O dicionário *Michaelis* de língua portuguesa, logo em sua primeira entrada, define o adjetivo “burro” como “indivíduo intelectualmente limitado; besta, estúpido”<sup>23</sup>. O *Merriam-Webster dictionary* define “donkey”, em sua segunda entrada, como “pessoa estúpida ou obstinada”<sup>24</sup>. O *Larousse* define “âne” como “pessoa ignorante, de mente estreita; ignaro, imbecil, burro”<sup>25</sup>. O mesmo sentido pejorativo encontramos no espanhol (*burro/burra*), no árabe (*himar*) e no alemão (*esel*) etc. No entanto, sabe-se hoje que os asnos possuem boa memória e boa capacidade de resolver problemas, e que parecem inclusive superar os cavalos em inteligência<sup>26</sup>.

É tarefa temerária definir a estupidez — algo dela já aparece no próprio esforço de definição. Mas uma boa pista nos foi dada, novamente, por Jean-Jacques Rousseau. No já citado segundo *Discurso*, o autor propõe que a atividade reflexiva faz do homem o animal depravado por excelência: o homem tende a pensar mais do que é necessário, sendo o único animal “sujeito a tornar-se imbecil” (Rousseau, 2020, p. 183). Robert Musil, em ensaio genial sobre o tema, além de desvincular a estupidez da inteligência, ainda mostra sua íntima relação

---

<sup>22</sup><https://oglobo.globo.com/brasil/epoca/noticia/2024/07/25/mulher-adota-68-jumentos-no-nordeste-e-salva-animais-que-enfrentam-ameaca-de-extincao-por-alta-demanda-da-china.ghtml><https://oglobo.globo.com/brasil/epoca/noticia/2024/07/25/mulher-adota-68-jumentos-no-nordeste-e-salva-animais-que-enfrentam-ameaca-de-extincao-por-alta-demanda-da-china.ghtml>

<sup>23</sup> <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/burro/>

<sup>24</sup> <https://www.merriam-webster.com/dictionary/donkey>

<sup>25</sup> <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/%C3%A2ne/3392>

<sup>26</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/21/internacional/1574333617\\_961582.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/21/internacional/1574333617_961582.html)

## Apontamentos sobre a extinção dos jumentos

Victor Alexandre Garcia

com a rudeza<sup>27</sup> e com a vaidade<sup>28</sup>. Até aqui, temos apenas elementos ausentes nos asininos. Tudo nos leva a crer que o homem, ao projetar no jumento traços de sua própria natureza, terminou por apagar a natureza própria ao jumento.

## Bibliografia

Bough, J. (2011) *Donkey*. Londres: Reaktion Books.

Bresson, R. (1966) *Au Hasard Balthazar*. Filme. Paris: Argos Films.

\_\_\_\_\_. (2005) *Notas sobre o cinematógrafo*. Tradução de Evaldo Mocarzel. São Paulo: Iluminuras.

Buffon. (2020a) *História Natural*. Tradução de Isabel Coelho Fragelli, Pedro Paulo Pimenta e Ana Carolina Soliva Soria. São Paulo: Unesp.

\_\_\_\_\_. (2020b) Das épocas da natureza. In: \_\_\_\_\_. *História Natural*. Tradução de Isabel Coelho Fragelli, Pedro Paulo Pimenta e Ana Carolina Soliva Soria. São Paulo: Unesp.

Cook, A. (2002) Jean-Jacques Rousseau and Exotic Botany. In: (Org.) MACCUBBIN, R.; KNELLWOLF, C. *Exoticism and the culture of exploration*. Durham: Duke University Press.

Deleuze, G. (2004) *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. DVD. Direção de Pierre-André Boutang. Paris: Montparnasse.

Edmeades, B. (2021) *Megafauna: first victims of the human-caused extinction*. Fayetteville: Houndstooth Press.

Fragelli, I.; Pimenta, P.; Soliva, A. (2020) Apresentação. In: *História Natural*. Tradução de Isabel Coelho Fragelli, Pedro Paulo Pimenta e Ana Carolina Soliva Soria. São Paulo: Unesp.

---

<sup>27</sup> “(...) J. E. Erdmann, em um trecho importante de sua palestra citada acima, expressou com as seguintes palavras que a rudeza é a ‘prática da estupidez’. Segundo ele, ‘palavras (...) não são o único fenômeno de um estado de espírito. O mesmo se manifesta em atos, a estupidez também. Não só ser estúpido, mas agir estupidamente, cometer estupidezes’” (Musil, 2016, p. 34)

<sup>28</sup> “entre a estupidez e a vaidade sempre existiu uma relação íntima, o que talvez nos dê uma pista. Por isso, uma pessoa estúpida parece normalmente vaidosa, porque lhe falta a inteligência para escondê-la; mas na verdade não seria preciso, pois o parentesco entre estupidez e vaidade é imediato: uma pessoa vaidosa causa a impressão de desempenhar menos do que poderia; ela se assemelha a uma máquina que deixa escapar vapor por uma parte mal vedada” (Musil, 2016, p. 27).

## Apontamentos sobre a extinção dos jumentos

Victor Alexandre Garcia

Kolbert, E. (2015) *A sexta extinção: uma história não natural*. Tradução de Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Intrínseca.

Larousse (2024) *Dicionário Larousse*. Recuperado de: <https://www.larousse.fr/>

Lévi-Strauss, C. (1975) *Totemismo hoje*. Tradução de Malcolm Bruce Corrie. Petrópolis: Vozes.

Merriam-Webster. (2024) *Dicionário Merriam-Webster*. Recuperado de: <https://www.merriam-webster.com/>

Michaelis. (2024) *Dicionário Michaelis*. Recuperado de: <https://michaelis.uol.com.br/>

Musil, R. (2016) *Sobre a estupidez*. Tradução de Simone Pereira Gonçalves. Belo Horizonte: Editora Âyiné.[]

Rousseau, J.-J. (2020) Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: \_\_\_\_\_. *Rousseau — Escritos sobre a política e as artes*. Tradução de Iracema Gomes Soares e Maria Cristina Nagle. São Paulo: Ubu Editora.

\_\_\_\_\_. (2022) *Emílio ou Da educação*. Tradução de Thomaz Kawauche. São Paulo: Unesp.

Schubert, F. (2024) Franz, sublime Schubert. Organização, tradução e introdução por Mário Alves Coutinho. São Paulo: Tipografia Musical.

Sontag, S. (1966) Spiritual style in the films of Robert Bresson. In: *Against interpretation*. Nova York: The Noonday Press.

Starobinski, J. (2011) *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo; seguido de Sete ensaios sobre Rousseau*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.

## VICTOR ALEXANDRE GARCIA

Bacharel em Psicologia pela UERJ. Mestre em Psicanálise e Saúde Mental pela UERJ. Mestre em Filosofia pela PUC-RJ. Doutor em Filosofia pela PUC-RJ. Ultimamente vem pesquisando sobre o tema dos animais e das plantas no século das Luzes. Realizou a primeira tradução brasileira dos textos de botânica de Jean-Jacques Rousseau.